

# Orquestra Gulbenkian

**Karl-Heinz Steffens**



**29 + 30 abr 26**

**29 abr 26** QUARTA 19:00

**30 abr 26** QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

# Orquestra Gulbenkian

**Karl-Heinz Steffens** Maestro \*

## Gustav Mahler

Sinfonia n.º 5, em Dó sustenido menor

c. 75 min

### Parte I

1. *Trauermarsch: In gemessenem schritt*  
– *Streng – Wie ein Kondukt*  
(Marcha fúnebre: Compassado – Severo – Como um cortejo)
2. *Stürmisch bewegt, mit größter Vehemenz*  
(Tempestuoso, com grande veemência)

### Parte II

3. *Scherzo: Kräftig, nicht zu schnell*  
(Enérgico, andante)

### Parte III

4. *Adagietto: Sehr langsam* (Muito lento)
5. *Rondo-Finale: Allegro – Allegro giocoso*

\* Por motivos de saúde, o maestro Juanjo Mena é substituído por Karl-Heinz Steffens

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 75MIN  
CONCERTO SEM INTERVALO

# Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

## Sinfonia n.º 5, em Dó sustenido menor

COMPOSIÇÃO 1901-1902

ESTREIA Colónia, 18 de outubro de 1904

DURAÇÃO c. 75 min

Gustav Mahler destacou-se como um dos maiores sinfonistas da transição do século XIX para o século XX. O culto da monumentalidade, tanto em duração das obras quanto em dimensão da orquestra, o recurso a cantores solistas e coro e o espectro omnipresente de Richard Wagner demonstram uma obra firmemente enraizada nas tradições finisseculares. Paralelamente, a unificação dessas macroformas fragmentárias, contendo universos sonoros distintos através do contraponto e da orquestração, tornou Mahler uma figura tutelar dos modernismos, em particular dos que revolviam em torno de Viena.

A Sinfonia n.º 5, um dos expoentes máximos dessa tradição, foi escrita, principalmente, nos verões de 1901 e 1902 no isolamento de Maiernigg, o retiro na Caríntia onde o compositor passava férias. Nessa altura, o trabalho como diretor da Ópera Imperial de Viena absorvia os esforços de Mahler. Reconhecido como maestro, apresentou um número significativo de novas óperas, muitas vezes contando com artistas plásticos associados às novas correntes vienenses. Essas produções transformaram a instituição, que contribuiu para a reconfiguração do espetáculo cénico nessa cidade. A direção do Teatro Imperial condicionou

fortemente a atividade de Mahler enquanto compositor, concentrada nos meses em que o teatro se encontrava encerrado. Contrariamente ao grande prestígio enquanto maestro, as suas composições tiveram apreciações negativas ou ambivalentes. O domínio do sinfonismo tardo-Clássico e brahmsiano, bem como a ligação de Mahler a Wagner e a Bruckner, condicionaram a sua receção no Império Austro-Húngaro. Assim, a obra de Mahler teve de aguardar o final da Segunda Guerra Mundial para ser amplamente reconhecida. A composição da Sinfonia n.º 5 coincidiu com enamoramento de Gustav Mahler por Alma Schindler, figura destacada do meio artístico vienense, com quem casaria em março de 1902. Compositora e filha do pintor paisagista Emil Jakob Schindler, Alma aproximou Mahler das vanguardas estéticas da cidade, distribuídas por diversos círculos vanguardistas. O compositor revisitou a Sinfonia n.º 5 diversas vezes, antes e depois da sua estreia em Colónia, protagonizada pela Orquestra Gürzenich, sob a direção de Mahler.

A Sinfonia n.º 5 destaca-se pela sólida e intrincada trama contrapontística tecida por Mahler, que sobrepôs e sucedeu elementos para unificar os andamentos através de curtos *leitmotiv* que circulam pela peça. A obra encontra-se dividida

em três partes: a primeira formada pelos dois primeiros andamentos, a segunda pelo *Scherzo* central e a terceira pelos dois últimos andamentos. Uma marcha fúnebre, lançada pelo toque insistente e solitário da trompete, sinal do destino inexorável, marca o início da sinfonia.

A atmosfera pesada permeia o andamento, com intervenções da orquestra em que a percussão, especialmente os pratos e a caixa, se destaca numa transladação para a sala de concertos da música militar que Mahler ouviu na Boémia natal.

Essa fanfarra é sublinhada pela orquestra, numa curta inflexão entre os modos maior e menor. Um episódio lírico e *cantabile*, protagonizado pelos primeiros violinos e violoncelos, contrasta com a textura de marcha, sublinhando a tensão entre os dois universos sonoros em que o andamento de desenrola. Um tema apresentado pelas madeiras emerge, conduzindo a breves intervenções da fanfarra. As pequenas variações desses materiais permeiam o andamento, construído pela sobreposição e sucessão de texturas e ambientes contrastantes. Assim, os elementos basilares são reorquestrados com o apoio de outros instrumentos, como as trompas, reforçando e transformando o percurso narrativo da obra. O brilho dos metais associados à percussão contrasta com a sinuosidade lírica das cordas, numa alternância de episódios em que o *leitmotiv* da trompete funciona como um marcador estrutural. Entre *crescendi* e *tutti* que dissipam abruptamente uma textura crescentemente tensa e caótica, a música desemboca num episódio lírico e plácido que estiliza a rusticidade de uma dança tradicional. Essa construção rapsódica retoma a atmosfera do início, com a apresentação do motivo da trompete e da

melodia *cantabile* das cordas. A última intervenção da fanfarra impulsiona um decrescendo que dissolve o andamento.

A atmosfera tumultuosa e instável do *Stürmisch bewegt*, marcado pela agitação das madeiras sobre as cordas, lança o andamento com duas texturas polarizadas em conflito, evocando a forma sonata. O aproveitamento do espectro sonoro da orquestra na atmosfera inicial contrasta com o segundo episódio, uma passagem *cantabile* protagonizada pelas cordas e pontuada pelos sopros de madeira, próxima do material lírico do andamento anterior. A adição e sobreposição de camadas e o diferimento das resoluções tonais conduzem a um coral na secção de desenvolvimento, uma espécie de clímax fugidivo que contrasta com a trama musical que o rodeia. Essa placidez contemplativa emerge de uma passagem tensa e movimentada, e conduz a uma reexposição do material trágico e tempestuoso do início. A compressão e intensificação dos materiais através do recurso magistral ao contraponto prepara a rarefação progressiva da textura, transformando-se numa gaze etérea que envolve o motivo que lançou o andamento e o submerge, progressivamente, no silêncio.

O *Scherzo*, o andamento mais longo da obra e o primeiro a ser composto, preenche a segunda parte da sinfonia. Nele, um chamamento de trompas apresenta uma canção de cariz popular e rústico, universo muitas vezes incorporado por Mahler nas suas obras. O recurso a grupos de instrumentos dentro da orquestra reforça a abordagem contrapontística característica da música de câmara à qual Mahler atribui uma dimensão sinfónica. A trivialidade

quotidiana, que muitos dos seus críticos apelidaram de banal, é uma matriz essencial no desenvolvimento da estética mahleriana. Neste andamento, o contraste faz-se entre as danças rústicas das áreas rurais do Império Austro-Húngaro e a sofisticação, leveza e elegância da valsa vienense, encarnada pela família Strauss e popularizada por toda a Europa. Contudo, Mahler não se limita a contrapor secções, mas cria, em muitos momentos, tensão através da sobreposição de elementos fragmentários que chocam em dissonância. Neste *Scherzo*, o compositor destaca alguns instrumentos com solos sobre as cordas em *pizzicato*. A omnipresença da trompa e as funções atribuídas a esse naipe emulam a ressonância do instrumento pelas paisagens rurais das terras que inspiraram Mahler. Segue-se um episódio movimentado, em que motivos distorcidos sublinham o carácter quase burlesco do andamento, um *topos* recorrente na obra do compositor. A adição de camadas e a aceleração preparam o regresso da primeira secção, o retorno à simplicidade rústica das *ländler*, antes da melodia sinuosa que conduz o andamento ao final.

A última parte da sinfonia começa com o *Adagietto*, o andamento mais famoso da obra. A sua inclusão no filme *Morte em Veneza*, de Luchino Visconti, estreado em 1971, contribuiu para a popularidade. Aqui, uma forma de canção ABA escrita, exclusivamente, para cordas e harpa, contrasta com a complexidade dos restantes andamentos. Uma longa e lânguida melodia em *legato* e com as resoluções diferidas e diluídas encarna a tensão quase erótica, frequentemente interpretada como a representação do amor de Gustav por Alma. Essa melodia,

que serpenteia induzindo inflexões tonais, ecoa, brevemente, passagens wagnerianas de *Tristão e Isolda*, obra que Mahler dirigiu em Viena em 1903 e marcou o início da sua colaboração com o pintor Alfred Roller, ligado à Secessão Vienense. A concatenação da dinâmica com a melodia e o contraponto caracterizam estas páginas ambivalentes, pontificadas pela regularidade e por uma singeleza enganadora. A reexposição final da melodia é acompanhada de um fragmento da canção “Ich bin die Welt abhanden,” escrita por Mahler em 1901 e incluída nos *Rückert-Lieder*.

A sinfonia termina com um rondó-sonata enérgico que recapitula e contrapõe as atmosferas dos andamentos anteriores. Um toque de trompa impele a entrada do fagote, do oboé e do clarinete, que antecipam uma dança rústica. A melodia do fagote é um fragmento da canção “Lob des hohen Verstandes,” escrita por Mahler em 1896 e incluída em *Des Knaben Wunderhorn*, obra que o compositor reviu em 1901. Um *fugato* protagonizado pelos violinos e violoncelos é interrompido pelo coral do segundo andamento, conduzindo ao reaparecimento do refrão. O movimento perpétuo, a sobreposição de camadas, o recurso a timbres brilhantes e à percussão marcam esta síntese tensa e contraditória dos elementos da sinfonia. A instabilidade do desenvolvimento é sublinhada pelo contraponto e pela aparição do tema do *Adagietto*. A recapitulação intensificada das variadas atmosferas da sinfonia marca a passagem do contexto fúnebre inicial à luminosidade plácida encarnada no coral, elemento meditativo central na coda desta monumental obra.

JOÃO SILVA

## Karl-Heinz Steffens

O maestro alemão Karl-Heinz Steffens cumpre a sua sexta temporada como Maestro Titular e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica de Norrköping. São reconhecidas internacionalmente as suas qualidades de liderança artística tanto no domínio sinfónico como no operático, sendo um convidado regular das grandes orquestras. Colaborações recentes incluem a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Filarmónica de Berlim, a Filarmónica de Helsínquia, a Sinfónica de Antuérpia, a Filarmónica de Poznań, a Sinfónica da Galiza, a Filarmónica de Israel, a Filarmónica de Munique, a Orquestra Nacional de Lyon, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Sinfónica de Toronto, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica de Bournemouth, a City of Birmingham Symphony e a Orquestra do Tonhalle de Zurique, para além das orquestras sinfónicas das rádios de Berlim, Colónia, Frankfurt, Hamburgo, Hanôver, Leipzig e Estugarda.

Terminou recentemente o seu mandato como Diretor Musical da Ópera de Praga, onde dirigiu produções de *O Navio Fantasma* de Wagner e *O Som Distante* de Schreker, entre outras óperas. Lançou o projeto *Musica non Grata*, com a duração de quatro anos, dedicado a obras de compositores reprimidos por regimes totalitários do século XX, que incluiu um grande festival em comemoração do 150.º aniversário de Alexander Zemlinsky. Dirigiu também no Teatro alla Scala (*Così fan tutte*, *Don Giovanni* e *O Crepúsculo dos Deuses*) e é convidado frequente da Staatsoper Unter den Linden, em Berlim. Na Ópera Nacional da Noruega, dirigiu *Pelléas et Mélisande*, bem como produções de *Così fan tutte*, *Fidelio* e *Tosca*.

No anterior cargo de Diretor Musical da Deutsche Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, o maestro e a orquestra foram agraciados com vários prémios: receberam o prémio ECHO para a “Melhor Orquestra” em 2015, pela gravação de obras de B. A. Zimmermann e, em 2016/17, foram nomeados para o prémio de “Melhor

Programa de Concerto da Temporada” pela Deutsche Musikverlegerverband. A sua gravação de obras de George Antheil, uma adição à extensa série *Modern Times*, que apresenta uma variedade de compositores do século XX, foi eleita “Gravação de Concerto do Ano” nos prémios *Opus Klassik*.

Antes de se dedicar inteiramente à sua carreira de maestro, Karl-Heinz Steffens foi clarinetista principal da Sinfónica da Rádio da Baviera e da Filarmónica de Berlim. Recentemente, foi-lhe atribuída a *Bundesverdienstkreuz*, a Cruz Federal de Mérito da Alemanha, em reconhecimento dos excecionais serviços prestados à música.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibu CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Vicente Sobral 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Resende  
Catarina Ferreira  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
Ana Sofia Faria\*  
Tiago Neto\*  
Eurico Cardoso\*  
Miguel Gomes\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 2º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Inês Marques\*  
Sandra Escovar\*  
Luís Xavier Pereira\*  
Vieira de Andrade\*  
Beatriz Sagimbeni\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj\*

Dinis Campos\*

Margarida Abrantes\*

João Barata\*

Márcia Furtado\*

Teresa Fleming\*

André Araújo\*

Joana Mendonça\*

## VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA\*

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Tiago Mirra

Maria Nabeiro\*

Beatriz Raimundo\*

João Cunha\*

Emídio Coutinho\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Pedro Aparício\*

Rafael Aguiar\*

Nuno Dionísio\*

Vanessa Lima\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Rui Matos 2º SOLISTA\*

Ana Baganha 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA\*

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Nuno Vaz 1º SOLISTA\*

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Telma Gomes 2º SOLISTA\*

Maria João Sousa 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Joakim Agnas 1º SOLISTA\*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Luís Granjo 2º SOLISTA\*

Jorge Pereira 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Bruno Costa 1º SOLISTA\*

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Rodrigo Azevedo 2º SOLISTA\*

João Ramalho 2º SOLISTA\*

José Sousa 2º SOLISTA\*

## HARPAS

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

—

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

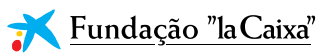
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*

